

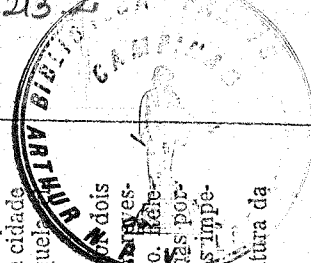
## AVENIDA DO IPIRANGA

**DENOMINAÇÃO DE RUAS**

Raphael de Andrade Duarte, Prefeito Municipal de Campinas, etc.  
Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 7 de Setembro corrente, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1902, e em homenagem á passagem do Centenario da Independencia Nacional, ficam de hoje em diante denominadas : *Avenida do Ypiranga* — a via publica que, partindo da porteira da Paulista, conhecida por “Picone”, vae em direcção á estrada de rodagem official a São Paulo, até onde se estendem construcções ; e *Sete de Setembro* — a via nova que passa pela frente das fabricas de seda, partindo do armazem de inflammaveis da Companhia Paulista. E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. E eu, *Amilar Alves*, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 7 de Setembro de 1922.

*Raphael de Andrade Duarte.*



**A**UTOR dos versos não teve culpa. O verso está rigorosamente dentro da verdade histórica e geográfica. O resto corre por conta da imaginação de quem não conhece o riacho, um dos dez formadores do Tamanduaí, que é, por sua vez, um dos tributários mais modestos do velho Anhembí, que perde em volume para qualquer dos afluentes do Amazonas e do próprio rio Paraná, de que é caudaloso súdito.

Muita gente também ignora onde nasce o Ipiranga. Nem foi ainda devidamente assinalada a sua fonte, o que a Secretaria do Turismo podia e devia fazer. É logo ao lado do Jardim Zoológico. Brota numa poça em meio de pequena varzea. Logo à frente acontece um representamento usado por uma metalúrgica, que estava em meio de extensa solidão quando foi instalada e hoje em meio de bairros residenciais.

**O BAIRRO HISTÓRICO**

Registrando o magno acontecimento, o Ipiranga constitui uma evocação dos acontecimentos de 1822. Uma porção das suas ruas forma uma contínua lembrança da presença de D. Pedro I. Lá estão as ruas do Grito, dos Leais Paulistanos, do Manifesto, dos Patriotas, da Constituinte, Clemente Pereira, Lord Cockrane, Labatut, Cisplatina, todo um conjunto que equivale a um índice anômástico referente aos acontecimentos da Independência e fatores que a precederam e acompanharam.

É uma lição a céu aberto só que por via de regra desperdiçada. Nem teve o complemento urbanístico necessário. O parque era para ser maior e sofreu penetrações múltiplas deploráveis. Felizmente, em 1950, por indicação do edil Carlos Fairbank, a casa contemporânea do Griloto e que figurava grande tela de Pedro Américo foi devidamente restaurada e abriga hoje o Museu do Tropeiro.

**UM CONJUNTO ÚNICO**

Agora o Brasil comemora mais um aniversário da sua independência. O 143.º. Chegou, portanto, a hora e vez em que o Ipiranga

ganha relevo merecidamente. Como ponto inconfundível de referência, no espaço e no tempo. Embora seja um modestíssimo córrego, aqui preciso resprestar a grande data brasileira. Ali está, aliás, uma conjugação ao mesmo tempo bela e patriótica de símbolos: do riacho que passou a correr gloriosamente no hino nacional; da pequena colina em que aconteceu o "griloto" recebeu no topo o suntuoso monumento. E em cima, como fécho o grande museu que se tornou lição encantada de história e antropologia. E em volta o amplo parque, eleito passeio ameno para os ócios de curtos itinerários em tardes dominicais de sol. Esse conjunto de Museu, parque e monumento não tem nada que o supere no País, pelo vigor simbólico, a força das evocações que desperta.

**PULSA O CORAÇÃO DA PÁTRIA**

Ali crepita a pira do fogo perpétuo no primeiro patamar do monumento. Em volta tudo é serenidade. O tempo se deteve. De certo modo parou. Para marcar o que ali aconteceu. Em volta tudo é diferente. Estruge a vida. Centenas de fábricas acolhem milhares de operários em movimento em os teares. Mas naquele centro cívico tudo obedece ao passado e recorda que, no dia 7 de setembro de 1822, o Brasil tornou-se uma nação.

**D. PEDRO**

Chegara vários dias antes, a cavalo, o príncipe D. Pedro. Viera numa galopada fantástica, pelo Vale do Paraíba. Pernoitara na Penha, então arrabalde distante. O pouso mais próximo da velha e altiva cidade que continuava morrendo no topo da colina histórica. Ao atravessar o Vale do Paraíba fora pousando em velhas cidades. Gente antiga ainda hoje lembra o encontro do príncipe Pedro de Alcântara com seus avós. E das conversas que tiveram. E da desvoitura do nosso jovem primeiro imperador. Em São Paulo passou pouco tempo. No dia 5 seguiu para Santos, descendo pela Estrada do Mar, que também era chamada de caminho do Padre José, pois por ali subira e descera muitas vezes o padre José de Anchieta.

**7 DE SETEMBRO**

D. Pedro saiu cedo de Santos, de volta a São Paulo. A cavalo, pois era excelente cavaleiro. Já começava o sol a descambar para o horizonte, quando surgiu ao seu encontro um grupo de mensageiros, com carta da imperatriz D. Leopoldina e na qual lhe dizia: "O pino está maduro. Colhe-o já senão apodrece". Noutra carta, José Bonifácio de Andrada comunicava-lhe que uma armada estava prestes a largar de Lisboa. Concluía: "Senhor os dados estão lançados e de Portugal não temos a esperar senão servidão e horrores. Venha Vossa Alteza quanto antes e decida-se". O encontro dos mensageiros aconteceu às margens do riacho Ipiranga. D. Pedro leu as missivas. Amarfanhou os papéis. Atirou-os ao chão. Pisou-os com furor. Na aguada do arroyo os cavalos bebiam. Canto e Melo chamou o príncipe prestes a ser aclamado imperador. Que iriam fazer então? Então D. Pedro arrancou do chapéu os laços azul e branco, côres de Portugal. Da Virgem da Conceição, padroeira do reino. Ordena aos soldados da escolta: Laços fora. Desembainha a espada. Ergue-a no ar. Nela fulge o sol das quatro horas da tarde. Desembainham as espadas e os dragões da sua guarda. E D. Pedro jura: "Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil". E firmando-se nos estribos, gritou: "Liberdade ou morte". Todos repetem: Liberdade ou morte. E dirigiram-se para a cidade de São Paulo que lhes ficava defronte. Avizinhava-se a noite quando a cavalgada subiu a Rua Tabatinguera. Repicavam festivamente os sinos da igreja da Boa Morte.

**O MONUMENTO É UMA LIÇÃO**

Lição em pedra e bronze. Obra do escultor Ximenez, em solenes linhas clássicas, ostenta no alto uma biga de bronze que conduz a figura da Independência. Grandes figuras históricas povoam sua escadaria. Magnífico alto-relevo reproduz em bronze o quadro de Pedro Américo com os dragões em primeiro plano, D. Pedro no topo da colina de espada desembainhada. Outro relevo em bronze evoca a batalha de Pirajá. Tem grande majestade o conjunto. Mas é mais completo ainda. No seu interior abriga a capela imperial. Mais recente. Construída ao tempo em

que era prefeito o engenheiro Arruda Pereira. Soubera que o monumento era óco. E podia aceitar uma capela evocativa onde seriam depositados os restos dos primeiros imperadores do Brasil.

**UM PREFEITO E O CENOTAFIO**

O prefeito Armando Arruda Pereira, como engenheiro, sabia da existência de enorme e sólido arcabouço de concreto, para poder sustentar o péso do monumento de Ximenez, construído no seu tempo, um dos maiores escultores do mundo. Chegaram a denominá-lo de Miguel Ângelo do século.

Sendo prefeito, e portanto com amplos poderes, o engenheiro Armando Arruda Pereira mandou procurar nos arquivos da Prefeitura a planta das obras do monumento erguido por ocasião do IV Centenário da Independência. Encontrou a estrutura de concreto, com as rigorosas dimensões que desejava. Verificou que dava para abrigar o projeto que tinha em mente.

O monumento por baixo era óco. Sólidas estruturas de concreto emergiam das profundezas da varzea e recebiam no alto grandes travessas para sustentar a plataforma de granito.

E assim surgiu o projeto do cenotáfio, ou seja uma capela funerária revestida de granito verde de Ubatuba e de granito amarelo de Itanhaém, formando as côres nacionais. Portões de ferro trabalhado com aplicações de bronze, pedregal e artístico altar no fundo. E dois túmulos para receberem os restos mortais dos nossos dois primeiros imperadores: D. Pedro I e D. Leopoldina. O da imperatriz já lá se encontra esperando que Portugal ceda os restos mortais de D. Pedro I, na antiga metrópole sepultado.

Seu coração está numa urna de cristal e prata guardada em altar da igreja da Lapa, na cidade do Fôrto, por sua vontade, em vida, aquela cidade doado.

O acesso à capela imperial é feito por dois lances de escadaria de granito verde com revestimento das paredes em granito amarelo. Relevo em bronze dos símbolos imperiais: as portadas e gradis. Sobre os túmulos as coroadas imperiais: O remate é primoroso.

Constitue interno complemento à altura da grandiosidade do monumento externo.

## IPIRANGA

- Barros Ferreira -



O rio mais conhecido no Brasil, com maior renome mesmo do que o Amazonas é, sem dúvida, o Ipiranga.

Não há criança que não entoe o seu nome na escola nos dias de grande gala. Fulge no primeiro verso em que está encastrado:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas,  
de um povo heróico o brado retumbante..."

E como caudaloso curso corre nas imaginações infantis e atravessa o Hino Nacional. Duque Estrada deu-lhe com seu verso inicial um relêvo que o tornou mais famoso que rio da Mitologia; supera o Lete pois não é de esquecimento e sim de gloriosa evocação. Nêle se refletiu "o sol da liberdade em raios fúlgidos", sol que brilhava no céu da Pátria nesse instante.

Para a juventude brasileira, o Ipiranga tornou-se, dessa forma, um curso fabuloso, um espelho do fulgor épico das espadas desembainhadas no dia 7 de setembro de 1822 e D. Pedro proclamando:

- Independência ou morte!

No entanto, a realidade geográfica é bem diferente. O Ipiranga é um correço de que muitos paulistanos desconhecem as nascentes, na mata da Água Funda, um pouco além do conjunto de cúpulas do Observatório Astronômico, agora denominado Instituto Geodésico e Geofísico. Mata essa que constitui restos humildes da opulenta floresta antiga, há muito derrubada, e na qual se encontravam com abundância as típicas caneleiras, o pau-ferro, o jacarandá e outras espécies de grande porte e que proporcionavam madeira de lei para construções e mobiliário.

De dentro da capoeira que ficou, brota um fio de água que serpeia no meio de estreita várzea entre tábuas e sapé. Não tem, de largura, mais que dois palmos. Poder-se-ia transportá-lo com um só passo, se as margens não fossem alagadiças, de terreno sem consistência em que os pés afundam.

Mais em frente, desemboca numa depressão que forma uma bacia rasa, transformada em lago, recentemente aproveitado para localizar em volta o Zoológico e ao centro as jaulas dos macacos.

Depois, segue-se uma reprêsa, cujas águas têm sido objeto de grandes disputas, saindo dali o correço já revigorado e com maior volume, devido à contribuição das vertentes próximas.

- segue fls. 2 -



IPIRANGA

- continuação - fls. 20

Começa então o vale do Ipiranga em que se desenvolve o projeto da avenida Teresa Cristina, saindo defronte do monumento glorioso. Essa artéria, projetada em 1939, ficou no comêço. O resto está nas plantas da Prefeitura.

Ora, ao chegar a êsse ponto, para que houvesse água no leito que antes chçegava a secar, o prefeito Arruda Pereira mandou construir, em 1952, uma pequena barragem. Dessa maneira, no local, formou-se estreito lago em que se debruçam os chorões da margem e se projeta a renda movediça da sombra da folhagem bamboleante.

É nesse ponto que se ergue o conjunto majestoso do monumento construído por Ximenes. Parece um bloco de granito. Mas sondagens feitas revelaram que tinha estrutura de concreto. Colunas e vigas lhe deram segurança. O revestimento foi feito de pedra acertada a cinzel.

Esse o motivo que tornou possível a construção de majestoso cenotáfio, também pelo prefeito Arruda Pereira, já falecido, destinado a receber os restos mortais de D. Pedro I e da imperatriz D. Leopoldina. Na ocasião, era projeto solicitar do governo português o sarcófago do primeiro imperador do Brasil, sepultado na velha metrópole, onde passou também a ser considerado o patronov das liberdades constitucionais. Do Brasil partira para ir colocar no trono no luso sua filha D. Maria e expulsar o irmão D. Miguel, que encarnava o absolutismo no poder.

Com granito verde de Ubatuba e granito amarelo do litoral sul, foi feito o revestimento interno das paredes e teto do mausoléu, que recebeu solenes portas de bronze trabalhado, tendo em relevo a coroa imperial e, na moldura, esferas e estrelas armilares, símbolo do Brasil antigo.

É nesse ponto, aos pés do monumento, que o córrego Ipiranga se detém uns instantes, reflete a majestade do conjunto arquitetônico da Independência, o baixo-relevo em que D. Pedro com a espada desembainhada declara para sempre livre o Brasil.

Enche o lago que serve de espelho esverdeado ao monumento transborda e continua o seu curso, aprisionado entre muralhas de concreto do canal que o conduz decilmente ao Tamanduatê, do qual é tributário humilde. E, com as águas turvas dêsse afluente, corre a misturar-se ao velho Anhembi.

(Extraído da revista "Lady", de julho de 1958, texto de Barros Ferreira).